



SEÇÃO: DOSSIÊ

Gandhi, Cecília e “as crônicas escritas na Índia”¹

Gandhi, Cecilia and the chronicles written in India

Anderson Azevedo

Ferigate²

orcid.org/0000-0002-9866-1151
andersonferigate@hotmail.com

Teresinha Vânia

Zimbrão da Silva³

orcid.org/0000-0003-3540-4390
teresinha.zimbrao@gmail.com

Recebido em: 18 fev. 2020.

Aprovado em: 23 mar. 2020

Publicado em: 10 ago. 2020.

Resumo: A obra poética de Cecília Meireles (1901-1964) é bastante conhecida. No entanto, a sua obra em prosa nem tanto. Menos ainda as diversas crônicas que tematizam a Índia. O presente artigo pretende refletir sobre o intenso diálogo que a escritora brasileira estabeleceu por anos com a cultura indiana, sobretudo com Mahatma Gandhi (1869-1948), o principal líder político e religioso do país no século XX. Estudaremos “as crônicas escritas na Índia”, por ocasião da viagem da escritora ao país, procurando explicitar o diálogo ceciliano com a filosofia e ética gandhianas e com os seus princípios de busca da Verdade e uso da Não-Violência.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Crônicas. Gandhi.

Abstract: Cecília Meireles's poetic work (1901-1964) is well known. However, her prose work not so much. Even less are the various chronicles that thematize India. This article aims to reflect on the intense dialogue that the Brazilian writer established for years with Indian culture, especially with Mahatma Gandhi (1869-1948), the main political and religious leader of the country in the 20th century. We will study “the chronicles written in India”, on the occasion of the writer's trip to the country, seeking to explain the Cecilian dialogue with Gandhian philosophy and ethics and with its principles of searching for Truth and the use of Non-Violence.

Keywords: Cecília Meireles. Chronicles. Gandhi.

Introdução

A obra de Cecília Meireles tem sido alvo de muitos estudos ao longo dos anos, contudo, dentre os aspectos pouco estudados pela fortuna crítica ceciliana, sobressai o intenso diálogo que a escritora brasileira estabeleceu com a cultura indiana, sobretudo com o grande líder político e religioso da Índia no século XX: Mahatma Gandhi⁴. O ponto clímax desse diálogo foi a viagem de Cecília ao país em 1953, a convite do próprio governo indiano, para participar de um seminário internacional em comemoração ao centenário do nascimento de Gandhi. Nos 67 dias em que lá ficou, ela viajou por várias localidades onde se inspirou para escrever diversas poesias e crônicas. A coletânea, *Poemas escritos na Índia* (MEIRELES, 2014), foi publicada pela primeira vez em 1961, já as crônicas, que saíram em jornais e revistas na época, só vieram a ser de fato reunidas muito tempo



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Agradecemos a contribuição do Prof. Dr. Dilip Loundo, do Departamento de Ciência da Religião da UFJF, com quem conversamos a respeito do diálogo ceciliano com a Índia e com os postulados gandhianos, *Satyagraha* e *Ahimsa*.

² Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEEMG), Juiz de Fora, MG, Brasil.

³ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil.

⁴ O Prof. Loundo é um dos poucos pesquisadores que também escreveu a respeito do tema desse artigo. (LOUNDO, Dilip. Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética. In: GOUVEA, Leila. V. B. *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 129-136). Ele também traduziu, no contexto indiano, diversos poemas de Cecília Meireles para o inglês. (MEIRELES, Cecília. *Travelling and Meditating: Poems written in India and other poems*. Trad. Rita R. Sanyal e Dilip Loundo. Nova Delhi: Embaixada do Brasil, 2003).

depois, com a publicação, em 1999, de *Crônicas de Viagem*. Pois esse trabalho se propõe refletir, a partir do estudo das crônicas cecilianas "escritas na Índia" sobre o diálogo da escritora brasileira com a filosofia e ética gandhianas, sobretudo com os dois princípios incorporados por Gandhi dos textos sagrados indianos, a saber: *Satyagraha*, a busca pela Verdade, e *Ahimsa*, a Não-violência, princípios com os quais Cecília intensamente dialogou.

1 As crônicas de viagem sobre a Índia

Em suas *Crônicas de Viagem*, Cecília Meireles dedicou 52 à Índia e sua cultura, ou seja, 27% do total. Recortaremos para estudar aqui aquelas em que as referências a Gandhi são claras, seja com menções a seu nome ou aos seus princípios éticos e filosóficos, seja fazendo referência à sua luta política.

Principiemos por aquela que revela, desde o título, a grande motivação da viagem àquele país, "Pelo Mahatma" (MEIRELES, 1999a, p. 155-158). Publicada originalmente no periódico *Diário de Notícias*, em 1953, essa crônica tem como tema o Réveillon passado nas alturas, a bordo de um avião que saíra do Cairo rumo à Índia. Assim são suas palavras iniciais:

A caminho do avião, por esta luminosa areia do Cairo, ao deixar para trás este mundo azul do Mediterrâneo, como não é possível pensar em Alexandre, se o seu próprio nome ainda ali está perpetuado no mapa? A aeromoça, uma bela anglo-indiana, de vastos olhos, cheios de noite e de lua, serve aos passageiros caramelos, cardamomo, erva-doce... gosto do Ocidente e do Oriente, entrelaçado no céu (MEIRELES, 1999a, p. 155).

Nesse início, a cronista descreve a viagem aérea, iniciada no Egito, rumo à nação indiana. A evocação do nome de Alexandre Magno não é à toa, mas o próprio mote que a cronista usa para aludir aos viajantes ocidentais que desde muito cedo se deslumbraram com a Índia. Seu olhar, atento aos detalhes, não perde de vista a tripulação, representada pela bela aeromoça anglo-indiana que serve aos passageiros com seus olhos "cheios de noite e de lua". Para a autora, é difícil imaginar o que o imperador macedônio estaria pensando ao se deparar

com aquela cultura milenar e sagrada, diferente de qualquer lugar que já tinha pisado antes. Alexandre representaria o sonho ocidental que une o sagrado e o profano, a arte e a ciência, "os dois hemisférios integrados numa só família, como a cabeça bifronte de Shiva e Vishnu!" (MEIRELES, 1999a, p. 156).

A viagem ao hemisfério oriental, que tanto impressionou Cecília, segue sendo descrita ainda dentro da aeronave, de onde é possível observar o encontro oriente-ocidente. É o caso do momento em que ela detalha o contraste entre as mãos orientais extremamente finas e delicadas, o vestuário indiano de vários passageiros e o rosto "róseo e redondo" das freiras católicas, a bordo do mesmo avião.

A religiosidade cristã, muito forte na poesia ceciliana, comparece nessa crônica quando o avião está sobrevoando a Palestina e a escritora não deixa de registrar seu pensamento sobre a figura de Jesus Cristo que, segundo ela, "Pregava a fraternidade dos homens, que ensinava às criaturas o grave bem de terem alma" (MEIRELES, 1999a, p. 156).

Essa viagem, do Egito à Índia, aconteceu, justamente, no último dia do ano, portanto, os passageiros passaram o Réveillon a bordo da aeronave. Claro que isso não passou despercebido pela autora que mira, com seu olhar poético, para as coisas prosaicas. Ela nos mostra que há uma comunhão, quase um êxtase, entre as diversas pessoas a bordo que brindam a chegada do ano, e que, em breve, tocarão o solo indiano:

O comandante vem brindar com os passageiros, porque o avião começa a descer sobre Bombaim. E os passageiros levantam-se, e de mãos dadas, cantam as canções que sabem, cada um na sua língua e todos trocam votos de felicidade, nesta meia-noite de 31 de dezembro (MEIRELES, 1999a, p. 157).

No declinar da crônica "Pelo Mahatma", Cecília nos conta o que foi buscar na Índia. Ela levava consigo em sua bagagem cultural tudo o que havia estudado sobre a Índia. Personagens como os sábios, os marajás e os faquires já lhe eram bem conhecidos, assim como as danças e outras tradições folclóricas. Não era nada disso que ansiava por encontrar. O que ela queria era

Gandhi. Não vê-lo fisicamente, pois já o sabia morto, porém, sentir a presença e o testemunho gandhianos que, certamente, estariam espalhados em sua terra natal. Quais os postulados e ensinamentos de Gandhi ela iria lá encontrar? Esse seria o verdadeiro motivo da viagem. Ela conclui a crônica com as seguintes palavras:

Houve, porém, um homem, um homem que o ocidente conheceu de fotografia, e quase achou ridículo, porque calçava apenas umas sandálias, enrolava o corpo apenas num pano branco, e falava da ressurreição de seu povo, e de uma independência feliz, sem armas e sem ódio. Esse homem chamava-se Gandhi. E sem ódio e sem armas tornou seu povo independente. E quando o preparava para o seu destino, como um pai a conversar com seus filhos, dispararam sobre ele um revólver e tiraram-lhe a vida [...]. Por muitos motivos se pode ir à Índia. Eu venho por Gandhi, o Mahatma (MEIRELES, 1999a, p. 158).

Nas palavras finais de "Pelo Mahatma" sobressaem alguns dados interessantes: a opinião política da autora sobre Gandhi, a referência à Não Violência (*Ahimsa*) como resistência pacífica, a sua avaliação de que os ocidentais não o compreendiam e, muito menos, queriam compreender alguém que pregava o amor, e uma não ação ativa que tinha um compromisso, acima de tudo, com a Verdade (*Satyagraha*) aplicada em sua própria existência que servia como exemplo. Cecília conhecia, portanto, os postulados de *Satyagraha* e de *Ahimsa* e admirava Gandhi por sua filosofia e ética.

A crônica "Uma voz no Oriente" (MEIRELES, 1999a, p. 43-46) dá ao leitor uma dimensão maior do valor da Não Violência para Cecília Meireles. Ela revela suas impressões da sessão inaugural do Congresso Internacional sobre Gandhi, realizada em Nova Deli, para a qual foi convidada a participar. A sessão foi aberta pelo então ministro da Educação indiano, Abul Kalam Azad. O motivo do congresso era justamente, nas palavras da autora, "estudar a contribuição das ideias e técnicas de Gandhi na solução das tensões nacionais e internacionais" (MEIRELES, 1999a, p. 43).

O mundo da década de 1950, não muito diferente do que acontece hoje em dia, vivia polarizado e com a expectativa de guerra

iminente, principalmente entre países que detinham armamento nuclear. Propunha-se, nesse encontro de pensadores gandhianos do mundo inteiro, chegar a algum entendimento de como o conceito de *Ahimsa*, utilizado pelo Mahatma, como resistência pacífica, e que sensibilizava significativamente as pessoas do mundo inteiro, poderia também ser usado para a promoção da paz entre os povos. Apesar do propósito muito objetivo do encontro, a cronista não perde de vista, em seu olhar atento e poético, os detalhes incidentais dessa sessão, começando pela descrição do ministro indiano:

Maulana Abul Kalam Azad é uma figura robusta, apertada numa casaca cinzenta – essas casacas indianas tão simples e solenes, abotoadas da gola até a cinta – e cujas abas vem até os joelhos. À cabeça, um negro barrete cônico. Sua face enérgica e ao mesmo tempo cordial recebe um lampejo de prata que lhe vem dos bigodes e do cavanhaque grisalhos, lampejo que deve corresponder ao do olhar, oculto, no entanto, por amplos e impenetráveis olhos pretos (MEIRELES, 1999a, p. 43).

Percebe-se que a cronista mescla a mera descrição física da roupa do ministro com as impressões poéticas sobre o mesmo: não é uma figura grande, mas "robusta"; sua casaca não é apenas simples, mas "solene", e ele possui uma face que conjuga, ao mesmo tempo, o "enérgico e o cordial", recebendo, ao invés de uma barba grisalha comum, "lampejos de prata". É, novamente, a atenção aos pormenores que domina a narração da cronista. E ela prossegue, assim, nas impressões que teve sobre o político indiano: sua voz, em hindi, ressoava poderosa pelo ambiente. Todavia, o que importava, de fato, era o discurso sobre Gandhi. Nisso, o palestrante era enfático ao afirmar que as ideias gandhianas eram um legado cultural da humanidade, ideias cheias de compreensão e fraternidade, e que a Índia, berço do Mahatma, poderia ajudar na busca pela paz entre os povos, não sozinha, mas com a ajuda de pessoas do mundo todo que comungassem do mesmo objetivo.

O ministro Azad, em consonância com o pensamento do *Ahimsa* gandhiano, afirmou

então que nenhum conflito entre nações podia ser resolvido com uma guerra. O que as guerras fazem, na verdade, é instigar o rancor e o ódio, originando novas guerras. O ciclo bélico envolve humilhações, infelicidade e vinganças: é onde o poder derrota a justiça. Ele propôs uma inversão nessa ordem, onde a justiça seria o valor absoluto. Esta ideia é, claramente, inspirada em Gandhi, na medida em que a Justiça e a Verdade são valores mutuamente implicados, isto é, um não pode existir sem o outro. É importante lembrar que para Gandhi não basta apenas buscar esses valores absolutos: os meios que utilizamos para alcançá-los também devem ser verdadeiros e justos. Essa é uma visão oposta ao que os ocidentais estão acostumados, é antimacquiavélica, no sentido de que os fins não justificam os meios. E o mais importante: quem deseja a Não Violência deve praticá-la em sua vida, como exemplo aos outros.

No declinar da crônica "Uma voz no Oriente", Cecília Meireles, deixando-se transportar por um devaneio em consequência da fala de Azad, lembra-se da comunhão entre os povos que estão ali representados e pensa no Brasil, um país, àquela época (e por que hoje seria diferente?) com crises tão sérias e profundas, e que, contudo, ainda não havia dado a devida atenção a esses temas. Termina ressaltando a importância de se construir uma unidade no planeta para além dos gestos meramente superficiais e para além das discriminações de raça, credo ou língua:

Sinto, _ não penso _ esta palpitação unânime de terra, esta angústia dos problemas humanos, esta necessidade de estarmos todos próximos, de sermos todos amigos, de nos compreendermos, de construirmos, de nos amarmos. Essa unidade do planeta. Esse minuto da vida nossa no universo. Raças, religiões, idiomas [...] Oriente, Ocidente, História. A solidão da Terra, pequenina, e o eterno combate entre o Bem e o Mal [...] (MEIRELES, 1999a, p. 46).

A crônica "Retrato de uma outra família" (MEIRELES, 1999a, p. 173-177), que foi publicada originalmente no dia 8 de novembro de 1953, também no *Diário de Notícias*, é importante e emblemática dentro desse conjunto de produções que tem como mote o Mahatma Gandhi. Isso

porque Cecília Meireles descreve as impressões que teve ao visitar o lugar onde o Mahatma, a "Grande Alma", foi assassinado, e onde se pode perceber a presença e o espírito de alguns conceitos hindus, como a eternidade e a renúncia.

Logo no primeiro parágrafo a cronista destaca o silêncio do lugar, onde se podia ouvir os passos dos caminhantes e observar o ambiente de paz que dele emanava, apesar de estar marcado pela dor de uma tragédia. Recorrendo à ideia do ciclo hindu da existência, Cecília indaga sobre a finitude da vida, provavelmente não somente questionando a possibilidade de uma existência além-morte, mas também a presença marcante que certas pessoas deixam em alguns ambientes por conta daquilo que foram em suas vidas:

Todos íamos tão silenciosos que se ouvia o ranger da areia, em nossos passos; e sentia-se o borbulhar dos nossos pensamentos, cuja dor se atenuava naquele recinto de paz. Estarão mortos, realmente, todos os mortos? (MEIRELES, 1999a, p. 173).

Ela prossegue no relato daquele funesto acontecimento, aponta o assassino como um místico exaltado e questiona se não foi o próprio assassino quem perdeu a vida ao atirar em Gandhi: "ah! Quem sabe por que se mata e por que se morre, e quem realmente está matando ou morrendo?" (MEIRELES, 1999a, p. 173).

A questão da transitoriedade da vida aparece logo em seguida, quando ela reconhece que a própria atmosfera indiana evidencia a impermanência da vida, no ciclo daquilo que vem aos homens e sempre retorna a Deus. Essa é a condição humana e, mesmo ali, naquele lugar onde aconteceu essa tragédia, percebe-se a força da ausência daquele grande homem e também a mistura paradoxal de humildade e orgulho, próprios do misticismo indiano, pois segundo este quanto mais o homem for modesto e renunciar aos valores mundanos, mais próximo de Deus estará. A questão da divindade é ressaltada por Cecília quando diz que Deus foi a última palavra pronunciada pelo Mahatma. Ela ressalta também o quanto essa presença divina se percebe em qualquer canto do país e em qualquer um de seus idiomas. Deus

está em tudo e em toda parte naquele lugar:

Deus, Deus, sempre Deus. Como no último instante, na boca do Mahatma, esta é a palavra mais vivamente escrita por toda parte, em terras da Índia, seja nos variados caracteres, nos caminhos nas atitudes, na posição de cada coisa, na concordância de cada ritmo e de cada som (MEIRELES, 1999a, p. 174).

No parágrafo seguinte, a questão da efemeridade da existência, de que nossa passagem pelo mundo é rápida e ilusória, remete ao desejo do eterno que permeia a literatura ceciliana. Ela destaca que quando os visitantes que a acompanhavam deixaram uma coroa de flores no local onde Gandhi foi cremado, houve um momento de contemplação da paisagem, que poderíamos chamar de epifânico, durante o qual ela desejou a eternidade além do corpo, enquanto chama exposta aos ventos do mundo, a Verdadeira eternidade, a comunhão com o todo.

O aspecto sensorial, recorrente na lírica ceciliana, não está ausente da crônica, na qual se ressalta que, mesmo ali, em um lugar marcado pela dor e pela saudade, havia, ainda, aquilo que visualmente mais chamava a atenção do ocidental na Índia: uma explosão de cores e tonalidades nos tecidos finos que remetiam as flores do local, e que se apresentavam estampados como xales, turbantes, sâris, vestidos e casacos.

No declinar da visita ao mausoléu, a cronista reafirma o poder da presença impactante daquele homem contraditoriamente ausente. O poder da ausência, "na Verdade", o tornava mais presente, pois foram suas ideias que reuniram, ali, especialistas do mundo todo, convocados a tratar da paz entre as nações naqueles tempos. A escritora faz indagações importantes sobre os propósitos gandhianos e lança essas perguntas à humanidade, perguntas que ainda hoje ressoam sem respostas:

E que são, na Verdade, as ideias de Gandhi? E quais são as que tem o poder de modificar os fatos e as criaturas e a força de caminhar por este vasto e desvariado mundo, e a magia de deixar em cada porta exatamente a mensagem que cada habitante deseja, necessita, espera e aceita com amor? (MEIRELES, 1999a, p. 175).

Na última parte da crônica, Cecília analisa uma fotografia em que todos os convidados aparecem e faz um breve comentário sobre a imagem de cada um deles fixada no papel fotográfico. O conjunto multinacional era bem variado: Egito, Inglaterra, Estados Unidos, Japão, Irã, França, Índia, e claro, ela, representando o Brasil. E enquanto todos esses grandes vultos pregavam sobre a paz, o único ausente é o que mais se destaca: todos estavam ali por causa dele, por Gandhi e seu legado.

Mas a que não aparece é a que mais se vê: irradia, cheia de enigmas e sugestões, fala, exemplifica, insiste: é Gandhi, o Mahatma, cujos ensinamentos atravessaram as fronteiras da Índia imensa, e chegaram a todos os povos... (Por amor aos seus ensinamentos, de tão longe, e alheios uns aos outros, viemos todos ter aqui.) (MEIRELES, 1999a, p. 177).

"Raiz das catástrofes" (MEIRELES, 1999a, p. 223-227) é uma crônica emblemática no que se refere à problemática da paz mundial. Possui uma escrita bem lúcida a respeito do poder da violência no mundo e, também, a importância da Não-Violência e da Verdade como formas de solução de conflitos. "Quando as catástrofes espalham a ramaria pelo mapa, é que os corações e mesmo os corpos estremecem" (MEIRELES, 1999a, p. 223). Essas palavras iniciais da crônica revelam o que se discutirá ao longo do texto: para Cecília Meireles, a ramaria, que é o conjunto de ramos de uma árvore, representa, aqui, metaforicamente, as consequências da guerra que estremecem os corações. Cecília afirma que quando povos e nações olham tão somente para as ramificações ou sintomas exteriores dos conflitos armados – os traumas e as tragédias –, nós deixamos de realizar uma reflexão mais profunda sobre a raiz deste mal.

No intuito de discutir a questão, a autora afirma que os homens promovem seminários para discutir os conflitos, porém seria necessário ir além de meros tratados e acordos. Ela critica também a ciência do século XX que avançava à custa de sofrimento humano e sem preocupações morais. Em sua opinião, as palavras podem

servir para explicar as tensões, mas não podem solucioná-las, por isso é necessário tomar atitudes e ações eficazes que atendam às causas dos mais variados conflitos. O Congresso Internacional sobre Gandhi propunha que:

[...] todas as nações pacíficas fizessem uma redução, pelo menos simbólica, de seus armamentos, e decidissem de comum acordo nunca mais tomar a iniciativa de uma guerra total, e pegar em armas apenas para se defenderem em caso de agressão (MEIRELES, 1999a, p. 224).

Quais seriam as raízes da violência, então? As causas são múltiplas, como múltiplos também são os seres humanos. Todos nós carregamos inúmeros aspectos possíveis da violência – físicos, materiais, morais, políticos etc. – e as nações são formadas por esse caldeirão de emoções oriundas da violência individual, que têm reflexo na comunidade, e que, por sua vez, pode envolver o país inteiro.

Como abrandar ou tentar solucionar esse problema? Para a cronista e seus pares no Congresso Internacional, algumas ações poderiam ser bem eficazes: a melhoria da qualidade de vida das populações mais pobres, a extinção e condenação total de ideologias de superioridade racial e a redistribuição de populações excedentes para lugares que as possam receber. Essa última pode nos parecer, hoje, utópica, na medida em que estamos no século XXI e atravessamos uma grave crise imigratória, com países desenvolvidos considerando medidas para fechar suas fronteiras, e populações fugindo aos milhares de seus países de origem tentando escapar dos horrores da guerra ou da fome.

De qualquer maneira, há em Cecília, e de modo evidente nessa crônica, um desejo de não violência, de uma paz que reconheça a todos como irmãos, de respeito aos direitos e deveres humanos. Ela reconhece que o pacifismo internacional só pode ser alcançado quando, primeiramente, se chegar a uma paz interior, pois é somente quando reconhecemos o "dragão interno" da violência e tentamos abrandá-lo é que podemos chegar a admitir que o oponente

possa estar com a razão. São os conflitos internos que levam, no limite, às tensões internacionais.

Cecília lembra que os especialistas presentes no referido seminário não estavam lá para dar a última palavra sobre a Verdade, a grande Verdade que o Mahatma tanto buscou. Entretanto, foi essa mesma grande Verdade do Mahatma que os inspirou no compromisso com a verdade interior e que os fez sair de seus países e refletir sobre a paz a partir dessa perspectiva gandhiana.

A figura de Gandhi não nos foi imposta: impôs-se. Na verdade, não foi ele, neste século, o único herói da paz, o que renovou no mundo uma doutrina esquecida, ou abandonada, provando-a não apenas com seu espírito, mas com seu corpo, e afirmando-a definitivamente com a própria morte? (MEIRELES, 1999a, p. 226).

"Sombra de impérios" (MEIRELES, 1999b, p. 49-52) é uma crônica que não fala de Gandhi diretamente. De fato, o tema é a visita de Cecília às ruínas da antiga cidade e fortaleza sagrada de Golconda, na região central da Índia. Ao pisar naquelas ruínas, Cecília não pode deixar de pensar na história do local, dos antigos imperadores mongóis,⁵ lugar onde o passado está muito presente. No texto, a marca ceciliana da sensorialidade é evidente e mistura a sensação física de estar ali com imagens de sonhos e sombras.

O sol não dissipa essas conspirações dos sonhos, porque a paisagem de Haiderabad é tão sugestiva e empolgante quanto as sombras da noite. A torrencial invade o terraço e doura as pobres romãs franzinas que com tamanho esforço ostenta o galho ressequido. Um jardineiro de turbante arremessa gotas d'água de um jardim pedregoso (MEIRELES, 1999b, p. 49).

A descrição da cena sensibiliza o eu poético da cronista Cecília, e suas divagações são uma mistura de sensação e sentimento. Ela conta as histórias sobre Golconda que chegaram aos seus ouvidos, como a de que as pedras da cidade são restos da matéria cósmica que Deus teria jogado naquele lugar depois de fabricar o mundo. O

⁵ O Império Mongol na Índia vai do século XVI ao início do século XVIII, quando os britânicos passam a dominar o território indiano.

ambiente físico segue sendo descrito com o seu singular ponto de vista poético, seja sobre uma loja azul com planetas pintados nas paredes – que parece saída de um sonho –, seja sobre o caminho que vai ficando cada vez mais áspero e a sensação de insignificância humana diante das ruínas, ou ainda o mundo morto que ela vislumbra ao passar pelo portão de entrada da cidade. A cidadela, vista do alto, ainda desperta sentimentos contraditórios de solidão e liberdade:

Mas apesar de toda solidão, desse completo despojamento em que se encontra a velha cidadela, uma poderosa beleza essencial empresta a Golconda um ar transfigurado de libertação[...] A sua alegria de já transcender todas essas guerras, essas histórias de sangue e também de amor, essas aventuras momentâneas que formam a pobre vida humana, tão difícil de atravessar, e tão insignificante, à contemplação ulterior (MEIRELES, 1999b, p. 51).

A cronista termina evocando o mundo das ruínas de Golconda de uma maneira que parece recuperar a vida dos personagens antigos, de tal forma que os vivos que encontrou após a visita em outros lugares não lhe pareciam tão vivos quanto os mortos daquela cidade. Esse lugar comunicava um passado nítido e eloquente.

Meireles é recorrente, seja na poesia ou nas crônicas, em afirmar a vida exemplar que o Mahatma levava: o ser exemplar que experimentou em si mesmo as condições que impunha aos seus seguidores. Sua postura, seus ensinamentos e seu exemplo miravam a Verdade e a Não Violência, no que foi, claramente, incompreendido. O que fica como herança é a mensagem gandhiana e a maneira como podemos adaptá-la aos mais diferentes campos de conhecimento na prática da vida cotidiana.

A escrita de Cecília sobre a Índia traz justamente um panorama do arcaico e do moderno, um olhar de espanto e distanciamento, que consegue trazer à tona aquilo que, de tão trivial, passa despercebido pela maioria das pessoas: o olhar que consegue enxergar tanto a Índia moderna quanto o legado ancestral dessa civilização. Podemos observar esse amálgama de modo mais

explícito neste trecho da crônica "Pensamentos do Caminho" (MEIRELES, 1999a, p. 276):

No entanto, pensar em Nova Delhi é recordar o convívio de muitos amigos, é rever variados sítios, uns cheios de passado, como os monumentos de seus arredores, _ outros, repletos de futuro, como esse moderníssimo Laboratório Nacional de Física, onde tantas pesquisas estão sendo conduzidas sobre diferentes problemas da ciência, e em que se opera a magia contemporânea de se cozinhar com raios de sol [...] (MEIRELES, 1999a, p. 276).

Um mundo novo, uma cultura antiquíssima, uma riqueza cultural inimaginável estavam ali, diante dos olhos da escritora. E tudo isso mesclado às pessoas vivas, ao estado moderno, às relações políticas que, naquele lugar, remetiam invariavelmente aos textos sagrados da Índia milenar, e, conseqüentemente, aos postulados gandhianos. Ela escuta os postulados antigos atravessando o tempo e reverberando em toda parte através do que Gandhi mostrou ao mundo e registra tudo isso em suas crônicas, que por sua vez reverberariam até os dias de hoje.

Considerações finais

Ainda que crônicas, de um modo geral, sirvam para refletir sobre as ideias e os costumes da época retratados pelo cronista, afirmar a contemporaneidade das crônicas cecilianas no presente é uma questão pertinente e relevante. O filósofo italiano Giorgio Agambem, em sua obra *O que é o contemporâneo* (2009), define contemporaneidade como uma relação singular com o próprio tempo, envolvendo um tanto de aderência quanto de afastamento, condições que possibilitariam não só a capacidade de iluminar a escuridão do próprio tempo, como também a de colocar este em relação com outros tempos. Isso é mais claro ainda na literatura onde a obra contemporânea deve cindir-se, afastar-se de si mesma, para dar conta de relatar a partir do sobrevoo, lançando luz sobre o escuro que presencia, relacionando-o a escuros já presenciados, produzindo palavras que irão ainda reverberar por muitos anos adiante. De fato,

a crônica pode ser considerada contemporânea tempos depois, basta que continue sendo capaz de iluminar o escuro de épocas vindouras.

Pois Cecília Meireles tem essas marcas de uma cronista ainda contemporânea, mesmo que tenha escrito sobre fatos que aconteceram há mais de meio século. Ela presenciou a violência do pós-guerra, a luta anticolonial na Índia que culminou no assassinato de Gandhi depois da Independência do país, um período sombrio permeado por insegurança e desesperança quanto ao futuro do mundo. Sem dúvida, podemos dizer que Cecília recebeu em pleno rosto a escuridão de seu tempo, procurando interpretar em sua obra o que presenciou e isso transparece nessas crônicas escritas na Índia.

Gandhi é o farol que ajudou Cecília a iluminar o facho de trevas de seu tempo. Através dele, ela propôs uma literatura educacional do homem que pretende *esclarecer*, no sentido exato e etimológico de jogar luz, aquilo que ficou nas trevas do tempo. O caminho humilde do Mahatma também era um espelho para a escritora que via ali o modelo não só de luta contra a opressão social, mas também de compromisso com o aperfeiçoamento do próprio homem. Um compromisso que se origina na ideia de *Satyagraha*, a busca pela Verdade, e *Ahimsa*, a Não violência, princípios legados pelos textos sagrados da Índia milenar.

Gandhi cumpriu sua missão: levar os indianos à libertação, mesmo passando por todo tipo de privações. É o seu exemplo que o torna imortal e compreensível aos dias de hoje, tornando-o o mais contemporâneo possível. De fato, seu exemplo fez com que fosse fervorosamente seguido por uma Índia que necessitava de homens para guiá-la no difícil processo de independência. Ele foi aquele que pregou a Verdade e a Não Violência sem distinções de classe, raça, filosofia ou religião. Por isso mesmo, foi capaz de sensibilizar pessoas no mundo todo. Pessoas como Cecília que, ao se depararem com o exemplo de vida gandhiano, conseguiram dialogar com a sua filosofia e ética inspiradas em princípios milenares.

Em suas crônicas escritas na Índia, Cecília

Meireles não só lançou luz sobre a escuridão do seu tempo, como também colocou este em diálogo com outros tempos, antigos e vindouros. A cronista registrou, na sua viagem ao país, a capacidade do passado de iluminar as trevas do presente, explicitando o quanto os postulados antigos atravessaram o tempo e reverberaram em toda parte através das palavras de Gandhi. Por sua vez, as palavras cecilianas escritas em meados do século XX iriam também atravessar o tempo e reverberar por muitos anos chegando aos dias de hoje.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- GOUVEA, Leila. V. B. *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas, 2007.
- LOUNDO, Dilip. Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética. In: GOUVEA, Leila. V. B. *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas, 2007. p. 129-136.
- MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Viagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999a. v. II.
- MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Viagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999b. v. III.
- MEIRELES, Cecília. *Poemas escritos na Índia*. 2. ed. São Paulo: Global, 2014.
- MEIRELES, Cecília. *Travelling and Meditating: Poems written in India and others poems*. Tradução Rita R. Sanyal e Dilip Loundo. Nova Delhi: Embaixada do Brasil, 2003.

Endereço para correspondência

Anderson Azevedo Ferigate
Escola Estadual Dilermando Costa Cruz
Rua Diva Garcia, 2171
Linhares, 36060-300
Juiz de Fora, MG, Brasil

Teresinha V. Zimbrão da Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora
Rua José Lourenço Kelmer, s/n, próximo à entrada do Pórtico Norte
Faculdade de Letras, térreo, secretaria
São Pedro, 36036-900
Juiz de Fora, MG, Brasil